



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

MARIANNA APARECIDA SOARES PARREIRA

**A ALTERNÂNCIA ENTRE INDICATIVO E SUBJUNTIVO:
UM ESTUDO DOS VERBOS *PENSAR* E *QUERER***

**Brasília
2013**

MARIANNA APARECIDA SOARES PARREIRA

**A ALTERNÂNCIA ENTRE INDICATIVO E SUBJUNTIVO:
UM ESTUDO DOS VERBOS *PENSAR* E *QUERER***

Monografia apresentada ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Revisão de Texto: Gramática, Linguagem e a Construção / Reconstrução do Significado.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius Lunguinho

Brasília
2013

MARIANNA APARECIDA SOARES PARREIRA

**A ALTERNÂNCIA ENTRE INDICATIVO E SUBJUNTIVO:
UM ESTUDO DOS VERBOS *PENSAR* E *QUERER***

Monografia apresentada ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão de Texto: Gramática, Linguagem e a Construção / Reconstrução do Significado.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius Lunguinho

Brasília, 28 de novembro de 2013

Banca Examinadora

Profa. Dra. Elda Alves Oliveira Ivo
(membro)

Prof. Dr. Gilson Ciarallo
(membro)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, das experiências e do aprendizado.

Ao professor Marcus Vinicius Lunguinho, orientador dessa monografia, pela disponibilidade, pelos ensinamentos, pela preocupação e pelo cuidado no aprimoramento deste trabalho.

À minha mãe, por ser meu exemplo, exímia estudante, verdadeira filósofa, por seus conselhos, pela sua força, pela dedicação, por sua atitude, pelo apoio e incentivo aos filhos no caminho de se tornarem pessoas melhores e úteis.

Ao meu irmão, por seu apoio e por estar sempre disposto a contribuir com seus conhecimentos.

Ao meu pai, que está no céu, olhando por mim.

Ao meu paciente marido, companheiro de todas as horas, por seu apoio incondicional e seu colo de sempre.

A todos que me apoiam e torcem pelo meu sucesso.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses.

Marcos Bagno

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a alternância no emprego dos modos indicativo e subjuntivo em orações subordinadas aos verbos *pensar* e *querer* em Português Brasileiro. Para este estudo, foi apresentado o conceito de modo verbal segundo a perspectiva de quatro gramáticas que possuem uma visão mais reflexiva sobre a língua e também foram descritos os resultados de três estudos sobre a variação entre esses dois modos em orações completivas. Para a análise de dados, foi feita uma pesquisa com alunos do Ensino Médio de uma escola particular de Brasília e os dados aqui analisados são provenientes de um questionário respondido pelos alunos analisados. A principal conclusão desse trabalho é de que existe variação no modo verbal em que se apresentam as orações subordinadas aos verbos *pensar* e *querer*, mas os modos favorecidos por estes dois verbos são diferentes: enquanto *pensar* favorece mais o uso do indicativo, *querer* favorece o subjuntivo.

Palavras-chave: Modo indicativo. Modo subjuntivo. Orações completivas. Variação linguística.

ABSTRACT

The aim of this work is to analyze the alternation between indicative and subjunctive in clauses subordinate to verbs *pensar* (to think) and *querer* (to want) in Brazilian Portuguese. For this study, the concept of verbal mood was presented according to the perspective of four grammars which have a more reflective view about the language. The results of three studies on the variation between these two moods in completive clauses were also discussed. For the data analysis, a research with high school students from a private school in Brasilia was done and the data analyzed here come from a questionnaire answered by these students. The main conclusion of this work is that there is variation in the verbal mood of the clauses subordinate to *pensar* and *querer*, but the mood favored in each case is different: while *pensar* favors the usage of the indicative, *querer* favors the use of the subjunctive.

Key words: Indicative mood. Subjunctive mood. Completive clauses. Linguistic variation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 INDICATIVO E SUBJUNTIVO NAS GRAMÁTICAS DO PORTUGUÊS ...	10
1.1 O conceito de modo verbal	10
1.2 Os modos verbais	14
1.2.1 O modo indicativo: definição e distribuição	15
1.2.2 O modo subjuntivo: definição e distribuição	16
2. A TEORIA LINGÜÍSTICA E A VARIAÇÃO INDICATIVO – SUBJUNTIVO	20
2.1 Linguística: a ciência da linguagem	20
2.2 Sociolinguística	22
2.3 A alternância entre indicativo e subjuntivo sob a ótica da pesquisa linguística.....	23
2.3.1 Gonçalves (2003): subjuntivo como categoria pouco nítida	23
2.3.2 Oliveira (2006): verbos volitivos e verbos de opinião	27
2.3.3 Vieira (2007): modalidade <i>irrealis</i> e não-marcação do modo subjuntivo	30
3. METODOLOGIA DA PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS	34
3.1 Descrição geral da pesquisa	34
3.2 Metodologia de coleta de dados	35
3.3 Análise dos dados	36
3.3.1 O modo verbal associado ao verbo <i>pensar</i>	36
3.3.2 O modo verbal associado ao verbo <i>querer</i>	40
3.4 Comparando resultados	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

Vem sendo notado com certa frequência no Português Brasileiro o uso do modo indicativo em ambientes em que se esperaria encontrar o modo subjuntivo. Essa constatação inicial foi o que motivou a presente pesquisa cujo objetivo é justamente investigar a alternância entre os modos indicativo e subjuntivo. Para tanto, será pesquisada a (possibilidade de) variação linguística na expressão do modo verbal no contexto das orações subordinadas a dois verbos: *pensar* e *querer*.

Duas são as perguntas que este trabalho visa responder:

- 1) Existe variação linguística no contexto linguístico investigado?
- 2) Se existe, como se distribuem os modos verbais em cada caso?

Para a pesquisa, buscaremos apoio na Linguística, na Sociolinguística Variacionista e em trabalhos de pesquisa já realizados sobre o tema na tentativa de descobrirmos os fatores que determinariam a escolha dos modos verbais nos contextos aqui estudados.

O presente trabalho está organizado em 3 capítulos:

No primeiro capítulo, elaboramos um breve resumo sobre o conceito de modo verbal, em especial os modos indicativo e subjuntivo, baseado em quatro gramáticas dotadas de uma visão mais reflexiva sobre a língua, a fim de verificar se elas preveem algum contexto para a variação entre esses dois modos na língua portuguesa.

No segundo capítulo, apresentamos informações básicas sobre a Linguística, a ciência da linguagem, e alguns conceitos da Sociolinguística Variacionista, área da Linguística que estuda a variação linguística. Também resenhamos alguns trabalhos sobre o tema da variação entre os modos indicativo e subjuntivo, ressaltando os contextos e os motivos que cada um desses trabalhos aponta para explicar a alternância desses modos verbais.

No terceiro e último capítulo, descrevemos os passos metodológicos da análise e o instrumento de coleta de dados. Em seguida, analisamos os dados coletados e apresentamos os principais resultados desta pesquisa sobre variação entre os modos indicativo e subjuntivo com os verbos *pensar* e *querer*. Finalmente, comparamos esses resultados aos resultados

encontrados nos trabalhos anteriores sobre o tema (e resenhados no capítulo dois deste trabalho).

CAPÍTULO 1

INDICATIVO E SUBJUNTIVO NAS GRAMÁTICAS DO PORTUGUÊS

Neste primeiro capítulo apresentamos como as gramáticas tratam o conceito de modo verbal. Faremos isso com base em quatro gramáticas da língua portuguesa: Rocha Lima (2000), Cunha e Cintra (2001), Bechara (2009) e Azeredo (2011). Este capítulo se divide em duas seções. Na primeira, trataremos da categoria modo tal qual encontramos nas gramáticas mencionadas e, na segunda, abordaremos os dois modos verbais que são relevantes para este trabalho: o indicativo e o subjuntivo. O objetivo dessa revisão bibliográfica é verificar se os gramáticos já preveem algum contexto de variação entre esses dois modos verbais na língua portuguesa.

1.1 O conceito de modo verbal

Conforme a Gramática Tradicional, a língua portuguesa possui dez classes de palavras, a saber: o substantivo, o artigo, o numeral, o pronome, o verbo, o advérbio, a preposição, a conjunção, e a interjeição. Para Azeredo (2011, p. 144) “uma classe de palavra é a soma de três propriedades: a) um modo de significar; b) um conjunto de características formais e c) uma posição estrutural no interior da oração”.

Para explicar o conceito de modo verbal, primeiro é necessário entender o que é a classe gramatical denominada verbo. Em conformidade com a explicação de Azeredo, verbos seriam então:

- a) palavras que situam no tempo ações, processos e atributos;
- b) grupo que se caracteriza por expressar morfologicamente as categorias de tempo, modo, aspecto¹, número e pessoa e
- c) a base do predicado

¹ O conceito de aspecto verbal não é tradicionalmente mencionado nas gramáticas escolares.

Analisando melhor a propriedade (b), verifica-se que, dentre as classes de palavras, o verbo é a classe mais rica em flexões, que são os desdobramentos de uma palavra para que ela possa se adequar a novos contextos morfossintáticos. Essas flexões se dão por meio de sufixos pospostos ao radical da palavra, e no verbo exprimem as categorias, ou noções gramaticais, anteriormente citadas: pessoa, número, tempo, aspecto, modo².

A categoria de pessoa se refere ao sujeito da oração. Em relação a essa categoria, o sujeito pode ser de 1ª pessoa (emissor, quem produz o discurso), 2ª pessoa (interlocutor, destinatário, pessoa a quem o discurso é dirigido) ou 3ª pessoa (aquele a quem o discurso se refere). Podemos ver isso no exemplo abaixo:

(1) Gostei muito de te conhecer.

Em (1), pelo morfema³ *-ei*, presente na estrutura do verbo *gostei*, sabemos que ele se refere à pessoa que fala, isto é, a 1ª pessoa (*eu gostei*).

O verbo português admite dois números: o singular e o plural. No exemplo mencionado anteriormente, o verbo está no singular (*gostei*). Se quisermos verificar o mesmo verbo no plural, a frase ficaria como (2):

(2) Gostamos muito de te conhecer.

Pelos exemplos acima, podemos perceber que *gost-* está presente nos verbos das duas frases. Essa parte constante nos exemplos é o que denominamos radical. Já os morfemas *-i* e *-mos* são os sufixos (ou desinências) que indicam, ao mesmo tempo, duas categorias do verbo: a pessoa e o número.

(3) a. (Eu) gostei muito de te conhecer → 1ª pessoa do singular

b. (Nós) gostamos muito de te conhecer → 1ª pessoa do plural

Passando ao exame das categorias de tempo e modo, Camara Jr. (2002, p.98) afirma que o tempo se refere ao momento da ocorrência do processo, visto do momento da comunicação; já o modo se refere ao julgamento implícito do falante a respeito da natureza,

² No português, a flexão verbal é sufixal.

³ De acordo com Kehdi (2007, p.15), os morfemas são “unidades mínimas significativas”, ou seja, as menores unidades linguísticas dotadas de significado.

subjativa ou não, da comunicação que se faz. Os dois exemplos anteriores estão no tempo passado (pretérito perfeito) e no modo indicativo. Da mesma forma que aconteceu com as categorias de pessoa e número, as categorias de tempo e modo estão aglutinadas no mesmo sufixo.

No Quadro 1 abaixo, é possível termos uma visão geral dos tempos do indicativo e do subjuntivo do português bem como dos diferentes sufixos que os representam em formas simples da 1ª pessoa de um verbo de 1ª conjugação⁴:

Quadro 1: O verbo português – tempos e modos

TEMPOS E MODOS VERBAIS DO PORTUGUÊS					
MODO INDICATIVO					
<i>Presente</i>	<i>Pretérito perfeito</i>	<i>Pretérito imperfeito</i>	<i>Pretérito mais-que-perfeito</i>	<i>Futuro do presente</i>	<i>Futuro do pretérito</i>
Eu gosto-Ø-Ø	Eu goste-Ø-i	Eu gosta-va-Ø	Eu gosta-ra-Ø	Eu gosta-re-i	Eu gosta-ria-Ø
MODO SUBJUNTIVO					
<i>Presente</i>	<i>Pretérito imperfeito</i>		<i>Futuro</i>		
Que eu gost-e-Ø	Se eu gosta-sse-Ø		Quando eu gosta-r-Ø		

Fonte: Elaborado pela autora com base em Camara Jr. (2002, p.104-110)

Já apresentamos a visão do linguista brasileiro Joaquim Mattoso Camara Jr (2002) sobre o que vem a ser modo verbal. Passamos agora a apresentar como algumas gramáticas do português definem modo verbal.

Para Rocha Lima (2000, p.122), “O MODO caracteriza as diversas maneiras sob as quais a pessoa que fala encara a significação contida no verbo”. Aqui, a palavra “maneira” foi utilizada com o mesmo propósito de “atitude psíquica” ou “posição do falante”, e “significação do verbo” está relacionada ao “enunciado”.

De forma semelhante ao que propõe Camara Jr (2002), Cunha e Cintra (2001, p.380) explicam que a categoria modo se refere às “diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia”.

Bechara (2009, p.222) utiliza a palavra “posição” ao invés de “atitude”, e a palavra “agente” ao invés de “fato”, mas exprime a mesma ideia. Para ele, os modos verbais são usados para marcar “a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente”.

Azeredo (2011, p.209) é mais exemplificativo, e também faz uso da palavra “atitude” (do falante) para explicar o “modo verbal”. Entretanto, ao invés de mencionar a palavra “fato”

⁴ Os sufixos que representam os morfemas modo-temporais aparecem em negrito e itálico.

ou “agente”, utilizou-se da expressão “conteúdo proposicional do enunciado”. No capítulo de sua gramática, intitulado *Modalidade, modos de verbo e verbos modais*, explica:

Ao analisar a categoria do tempo (cf.8.6), mostramos que o enunciador expressa, por meio de mudanças flexionais no verbo, uma série de relações, às vezes sutis, entre o momento em que ele fala e as épocas em que se situam os fatos a que ele se refere. O enunciador é, de fato, quem comanda variados tipos de relações que a língua permite exprimir. Assim é que, quem diz, por exemplo,

- 1) A porta está fechada.
- 2) A porta estava fechada.
- 3) A porta estará fechada.

Em qualquer caso está referindo-se a situações que retrata como reais. Sua relação com que enuncia é, nestes casos, de certeza. No entanto, se diz

- 4) É possível que a porta esteja fechada.
- 5) Acreditávamos que a porta estivesse fechada.
- 6) Toque a campainha se a porta estiver fechada.

O ‘estado da porta’ não é mais uma informação concebida como um dado do mundo, mas a representação da possibilidade desse dado. Agora, sua relação é de dúvida ou suposição. Esta segunda atitude vem expressa duplamente em cada frase: de um lado, por meio dos itens É possível que, Acreditávamos e se; e de outro, por meio das formas verbais esteja, estivesse, estiver, variações morfossintáticas do verbo estar. Em cada série expressa-se uma diferente atitude do falante em relação ao conteúdo proposicional do enunciado: certeza na primeira, suposição na segunda. A variação da forma do verbo – está/esteja, estava/estivesse, estará/estiver – para a expressão de atitude do enunciador – ou modalidade da frase – constitui a categoria gramatical que denominamos modo.

Além disso, Azeredo explica que, em alguns casos, a única indicação formal das diferentes atitudes do falante se dá através da variação morfológica do verbo, como podemos ver nos exemplos abaixo, extraídos de Azeredo (2011, p.210):

- (4) Procuro uma casa que **tem** uma ampla varanda na frente.
- (5) Procuro uma casa que **tenha** uma ampla varanda na frente.

Pela diferença de modo verbal, é possível inferir que o falante tem certeza da existência da casa que procura (em 4), em oposição à uma suposição, uma hipótese de existência dessa casa (em 5).

Conforme as explicações de Rocha Lima (2000), Cunha e Cintra (2000), Bechara (2009) e Azeredo (2011), é possível verificar que há um consenso em descrever o modo verbal como a categoria responsável pela marcação da atitude psíquica, maneira ou posição do falante, (de certeza, de dúvida, de mando, etc.) frente ao que ele enuncia. Passamos agora a apresentar os modos verbais do português.

1.2 Os modos verbais

São três os modos verbais tradicionalmente citados nas gramáticas: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo. Abaixo se apresentam citações que comprovam essa afirmação:

O modo caracteriza as diversas maneiras sob as quais a pessoa que fala encara a significação contida no verbo; distinguem-se três modos: indicativo, subjuntivo e imperativo.⁵

(ROCHA LIMA, 2000, p.122)

Há três modos em português: o INDICATIVO, o SUBJUNTIVO e o IMPERATIVO.

(CUNHA; CINTRA, 2001, p.380)

a) INDICATIVO – em referência a fatos como verossímeis ou tidos como tais: *canto, cantei, cantava, cantarei*

b) SUBJUNTIVO (CONJUNTIVO) – em referência a fatos incertos: *talvez cante, se cantasse*

c) CONDICIONAL – em referência a fatos dependentes de certa condição: *cantaria*

d) OPTATIVO – em relação à ação como desejada pelo agente: *E viva eu cá na terra sempre triste.*

e) IMPERATIVO – em relação a um ato que se exige do agente: *cantai*”

(BECHARA, 2009, p.221)

Além dos modos indicativo e subjuntivo, há um terceiro, o modo imperativo, que se usa em frases com que o enunciador expressa uma ordem, uma exortação, um pedido.

(AZEREDO, 2011, p. 210)

Conforme se observa nas citações apresentadas, apenas Bechara diverge dos outros gramáticos, pois inclui os modos condicional e optativo no conjunto dos três outros modos tradicionalmente elencados.

Tendo em vista que o propósito deste estudo é analisar contextos em que o modo subjuntivo apresenta variação com o modo indicativo, vamos dedicar mais atenção nas próximas subseções às abordagens feitas pelos gramáticos sobre estes dois modos verbais.

⁵ O autor complementa que há gramáticos que têm “vacilado” ao chamar de modos o infinitivo, gerúndio e particípio. Ele é contrário à ideia, pois como afirma: “sem embargo da sua aparência, tais formas não possuem função exclusivamente verbal” (ROCHA LIMA, 2000, p.122). Mais à frente ele faz um paralelo entre o infinitivo e o substantivo, o particípio e o adjetivo, e o gerúndio e o advérbio.

1.2.1 O modo indicativo: definição e distribuição

Nesta subseção será analisado o que os gramáticos dizem a respeito do modo indicativo, e quais são os contextos em que aparecem.

Cunha e Cintra (2001, p.465) ensinam que “quando nos servimos do MODO INDICATIVO, consideramos o fato expresso pelo verbo como certo, real, seja no presente, seja no passado, seja no futuro”. E contextualizam seu uso, demonstrando que pode haver interferência de verbos que regerão esse modo: “o indicativo é usado geralmente nas orações que completam o sentido de verbos como *afirmar, compreender, comprovar, crer* (no sentido afirmativo), *dizer, pensar, ver, verificar*” (2001, p.466).

Bechara (2009) diz que o indicativo é “(...) o modo que normalmente aparece nas orações independentes, e nas dependentes que encerram um fato real ou tido como tal” (BECHARA, 2009, p.275). E reforça: “se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo”.

O autor cita ainda, um caso particular em que pode haver a oscilação de construção da frase com indicativo ou com subjuntivo:

A oração substantiva a que completa a exclamação de surpresa *quem diria* constrói-se com indicativo ou subjuntivo:

Quem diria que ele *era* capaz disso.
Quem diria que ele *fosse* capaz disso.

(BECHARA, 2009, p.283)

Azeredo (2011, p.210) afirma que “o modo indicativo (que serve para indicar fatos de existência objetiva) é próprio dos enunciados declarativos simples, em que ocorre apenas um verbo ou locução verbal”.

Conclui-se, portanto, que para os gramáticos aqui elencados, o modo indicativo:

- a) exprime certeza, realidade (no presente, passado, ou futuro);
- b) completa o sentido de verbos como *afirmar, compreender, comprovar, crer* (no sentido afirmativo), *dizer, pensar, ver, verificar*;
- c) aparece, geralmente, em orações independentes ou enunciados declarativos simples (apenas um verbo/uma locução verbal) e nas dependentes que encerram um fato real ou tido como tal;
- d) tem a seguinte exceção para o uso de: “quem diria”: que se pode construir com o indicativo ou com o subjuntivo.

1.2.2 O modo subjuntivo: definição e distribuição

Interessante notar, antes de tudo, que o modo subjuntivo também é conhecido como modo conjuntivo, conforme podemos ver nas citações abaixo:

O *Subjuntivo* ou *Conjuntivo* he hum modo, pelo qual o verbo enuncia a coexistência do attributo no sujeito de huma maneira affirmativa, porêem indirecta e dependente de outro verbo claro, ou occulto, que o determina; e sem o qual não faz sentido, nem póde estar na oração.

(BARBOSA *apud* FARIA, 1974, p.4)⁶

À dúvida entre conjuntivo, que significa ‘modo unido, conjunto’, e subjuntivo, que indica ‘modo subordinado’, responde-se que nenhum dos dois termos exprime com exatidão o que seja o respectivo modo verbal.

(SAID ALI, 1966, p. 237)

Como o próprio nome indica, o SUBJUNTIVO (do latim *subjunctivus* ‘que serve para ligar, para subordinar’) denota que uma ação, ainda não realizada, é concebida como dependente de outra, expressa ou subentendida. Daí o seu emprego normal na oração subordinada. Quando usado em orações absolutas, ou orações principais, envolve sempre a ação verbal de um matiz afetivo que acentua fortemente a expressão da vontade do individuo que fala. A *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* preferiu a SUBJUNTIVO a designação sinônima CONJUNTIVO (do latim *conjunctivus* ‘que serve para ligar’).

(CUNHA; CINTRA, 2001, p. 466)

Em relação ao que os gramáticos dizem a respeito do modo subjuntivo e sobre os contextos em que esse modo aparece, tem-se o seguinte.

Cunha e Cintra (2001, p.465) afirmam que “ao empregarmos o MODO SUBJUNTIVO (...) Encaramos, então, a existência ou não existência do fato como uma coisa incerta, duvidosa, eventual ou, mesmo, irreal”. Eles ainda complementam dizendo que:

O subjuntivo é o modo exigido nas orações que dependem de verbos cujo sentido está ligado à ideia de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica, de condição e outras correlatas. É o caso, por exemplo, dos verbos *desejar, duvidar, implorar, lamentar, negar, ordenar, pedir, proibir, querer, rogar e suplicar*.

(CUNHA; CINTRA, 2001, p.466)

Bechara (2009) explica que:

O modo subjuntivo ocorre normalmente nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2ª pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio *talvez* e nas subordinadas em que é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de realizar.

(BECHARA, 2009, p. 280)

⁶ O texto de Soares Barboza citado por Faria (1974) é o seguinte:

BARBOSA, Jeronymo Soares. **Grammatica philosophica da lingua portugueza**. 2. ed. Lisboa: Academia Real da Sciencias de Lisboa, 1830.

Mais adiante, encontra-se uma observação interessante:

OBSERVAÇÃO: Às vezes ocorre o indicativo com talvez: “Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: - e as turbas talvez o aplaudem e celebram seu nome” [AH.2,180] Parece que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que o de que se duvida se pode bem realizar.

(BECHARA, 2009, p. 281)

Além disso, o autor explica as principais ocorrências desse modo nos seguintes contextos:

1) orações subordinadas substantivas:

- a) depois de expressões (verbos, nomes ou locuções equivalentes) que denotam ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição, receio, admiração, surpresa, contentamento (...)
- b) depois de expressões (verbos ou locuções formadas por *ser*, *estar*, *ficar* + substantivo ou adjetivo) que denotam desejo, probabilidade, vulgaridade, justiça, necessidade, utilidade (...)
- c) depois dos verbos *duvidar*, *suspeitar*, *desconfiar* e nomes cognatos (*dúvida*, *duvidoso*, *suspeita*, *desconfiança*, etc.) quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou desconfianças reais.

(BECHARA, 2009, p. 281)

2) orações subordinadas adjetivas: que exprimam:

- a) fim (...)
- b) consequência (...)
- c) uma conjectura e não uma realidade (...)
- d) depois de um predicativo negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo quando enunciam uma qualidade que determine e restrinja a ideia expressa por esse predicado ou interrogação

(BECHARA, 2009, p. 281)

3) orações subordinadas adverbiais:

- a) nas causais de *não porque*, *não* (ou *nem*), quando se quer dizer que a razão aludida não é verdadeira (...)
- b) nas concessivas de *ainda que*, *embora*, *conquanto*, *posto que*, *se bem que*, *por muito que*, *por pouco que* (e semelhantes), não havendo, entretanto, completo rigor a respeito” (...)
- c) nas condições de *se*, *contanto que*, *sem que*, *a não ser que*, *suposto que*, *caso*, *dado que*, para exprimir hipótese, e não uma realidade. Entra ainda neste grupo a comparativa hipotética como *se* (...)
- d) nas consecutivas quando se exprime uma simples concepção e não um fato real (...)
- e) nas finais (...)
- f) nas temporais de *antes que*, *assim que*, *até que*, *enquanto*, *depois que*, *logo que*, quando ocorrem nas negações ou nas indicações de simples concepção, e não uma realidade (caso em que aparece o indicativo).

(BECHARA, 2009, p. 282)

Na parte destinada aos casos particulares, três são citados:

- 1) A oração substantiva a que completa a exclamação de surpresa *quem diria* constrói-se com indicativo ou subjuntivo (...)
- 2) Com os indefinidos do tipo *o que quer que* é mais comum com o subjuntivo (...)
- 3) Também tem o verbo no subjuntivo as orações introduzidas por *que*, quando restringem a generalidade de um asserto.

(BECHARA, 2009, p. 283)

Para Azeredo (2011, p.210), o modo subjuntivo (que serve para representar fatos como dependentes do ponto de vista pessoal do enunciador) é o usual nas formas verbais de dois grupos principais: as estruturas dependentes de alguma expressão que exige o subjuntivo, como *é possível que* e *o se*, e as construções que expressam hipótese.

Conclui-se, portanto, que para os gramáticos aqui elencados, o modo subjuntivo:

- a) exprime incerteza, dúvida, eventualidade, irreabilidade;
- b) completa o sentido de verbos como: *desejar, duvidar, implorar, lamentar, negar, ordenar, pedir, proibir, querer, rogar e suplicar*; que estão ligados à ideia de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica, de condição e outras correlatas;
- c) aparece, geralmente, nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2ª pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio *talvez* e nas subordinadas em que é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de realizar;
- d) aparece, geralmente, nas orações subordinadas substantivas
 - d₁) depois de expressões que denotam ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição, receio, admiração, surpresa, contentamento, desejo, probabilidade, vulgaridade, justiça, necessidade, utilidade;
 - d₂) depois dos verbos *duvidar, suspeitar, desconfiar* e nomes cognatos (*dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança*, etc.) quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou desconfianças reais.
- e) aparece, geralmente, nas orações subordinadas adjetivas que exprimam ideias de fim, consequência, uma conjectura e não uma realidade; depois de um predicativo negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo

quando enunciam uma qualidade que determine e restrinja a ideia expressa por esse predicado ou interrogação;

- f) aparece, geralmente, nas orações subordinadas adverbiais causais de *não porque*, *não* (ou *nem*), quando se quer dizer que a razão aludida não é verdadeira, especialmente com a conjunção *como*, se expressam causa possível mas ainda não efetivada nas concessivas de *ainda que*, *embora*, *conquanto*, *posto que*, *se bem que*, *por muito que*, *por pouco que* (e semelhantes), não havendo, entretanto, completo rigor a respeito, nas condições de *se*, *contanto que*, *sem que*, *a não ser que*, *suposto que*, *caso*, *dado que*, para exprimir hipótese, e não uma realidade, nas consecutivas quando se exprime uma simples concepção e não um fato real, nas finais, nas temporais de *antes que*, *assim que*, *até que*, *enquanto*, *depois que*, *logo que*, quando ocorrem nas negações ou nas indicações de simples concepção, e não uma realidade (caso em que aparece o indicativo);
- g) nas estruturas dependentes de alguma expressão que exige o subjuntivo, como *é possível que* e o *se*; e nas construções que expressam hipótese;
- h) exceção: às vezes ocorre indicativo com *talvez*; quando o indicativo deixa antever melhor a certeza de que o de que se duvida se pode bem realizar.
- i) exceção: a oração substantiva a que completa a exclamação de surpresa *quem diria* constrói-se com indicativo ou subjuntivo.

A partir dessa pequena revisão, verifica-se que os autores relatam um caso ou outro, esporádico, em que pode haver uso de um modo pelo outro. Como exemplo, temos a citação da ocorrência do *talvez* com o indicativo, que, mesmo com a explicação de que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que aquilo que se fala pode-se realizar, foi citado apenas por uma gramática. A questão da variação em si não foi mencionada e o motivo de ela acontecer não foi explicado em nenhuma das gramáticas aqui estudadas.

CAPÍTULO 2

A TEORIA LINGUÍSTICA E A VARIAÇÃO INDICATIVO – SUBJUNTIVO

O objetivo deste segundo capítulo é mostrar de que maneira a Linguística trata a variação entre o modo indicativo e o modo subjuntivo. Para tanto, o capítulo se divide em três seções. Na primeira, apresentaremos alguns conceitos básicos da Linguística, a ciência da linguagem. Na segunda, será apresentada a Sociolinguística Variacionista, a área que estuda a variação linguística. Por fim, na terceira, serão analisados alguns trabalhos já realizados sobre a alternância dos modos indicativo e subjuntivo. Dessa forma, busca-se preparar e atualizar os conhecimentos para uma nova pesquisa sobre essa variação.

2.1 Linguística: a ciência da linguagem

A Linguística é o estudo científico da linguagem humana. Conforme Lobato (1986, p.25), as características de aceitação geral da cientificidade do estudo linguístico são: “exigência de comprovação empírica, caráter não-preconceituoso, caráter explicativo e caráter explícito”. Verificando cada um desses aspectos e comparando o estudo linguístico com os estudos desenvolvidos no âmbito da Gramática Tradicional, podemos apontar que⁷:

- a) Por comprovação empírica entende-se a necessidade de o linguista lidar com dados passíveis de serem comprovados empiricamente (dados da língua). Essa propriedade da Linguística a torna diferente da Gramática Tradicional, pois essa tinha caráter especulativo e não se pautava na exigência de comprovação empírica.
- b) Por caráter não-preconceituoso temos que os estudos feitos com base na Linguística mostram que a estrutura gramatical de línguas tidas como “primitivas” é altamente complexo e toda variante no uso de uma língua é lógica, complexa e regida por regras gramaticais. Essa visão é distinta da visão

⁷ Essa apresentação é baseada em Lobato (1986).

da Gramática Tradicional que postulou que existiam línguas primitivas que refletiam o estágio pouco desenvolvido da cultura de seus povos ou que existissem variantes melhores que outras.

- c) Por caráter explicativo da Linguística tem-se a exigência da verificação empírica. O linguista, com base em dados iniciais da língua, formula hipóteses que deverão ser comprovadas ou não. Na abordagem da Gramática Tradicional, não há essa exigência.
- d) Por caráter explícito entende-se a exigência da Linguística em dar definições claras, precisas, coerentes e pormenorizadas dos seus pressupostos teóricos. Esse não é caso nas Gramáticas Tradicionais, em que, às vezes, classes de palavras são descritas com base em critérios semânticos, morfológicos ou sintáticos, ou ainda com a mescla de critérios: privilegia-se aquele que define melhor aquela classe, e não há uniformidade na definição de todas as classes de palavras.

Quanto ao conceito de linguagem, existem várias definições. Lyons (2011) cita cinco pontos de vista importantes sobre a linguagem para verificar as propriedades que alguns linguistas consideram como traços básicos das línguas:

A linguagem é um método puramente humano e não instintivo de se comunicarem ideias, emoções e desejos por meio de símbolos voluntariamente produzidos.
(SAPIR *apud* LYONS, 2011, p.3)

Uma língua é um sistema de símbolos vocais arbitrários por meio dos quais um grupo social co-opera.
(BLOCH; TRAGER, *apud* LYONS, 2011, p.3)

(...) linguagem é a instituição pela qual os humanos se comunicam e interagem uns com os outros por meio de símbolos arbitrários orais-auditivos habitualmente utilizados.
(HALL *apud* LYONS, 2011, p.4)

As línguas possuem infinita capacidade de extensão e modificação, conforme variam as necessidades e condições de seus falantes.
(ROBINS *apud* LYONS, 2011, p.5)

Doravante considerarei uma língua(gem) como um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos.
(CHOMSKY *apud* LYONS, 2011, p.3)

Como se vê há várias formas de refletir sobre a linguagem, e isso se evidencia nas várias áreas de estudo que hoje existem. Na próxima seção, trataremos de uma delas denominada Sociolinguística, área do estudo da linguagem que toma como objeto de investigação a variação linguística, tema deste trabalho.

2.2 Sociolinguística

Em meados do século XX, ocorre uma mudança no foco da Linguística: além de estudar a língua e a competência linguística, ela começa também a investigar a fala, o desempenho. Esses objetos, deixados de lado por Saussure e Chomsky, passam agora a ser objetos legítimos de estudo linguístico. Ou seja, o estudo do sistema em si, a língua, passa a dividir a atenção dos linguistas com a análise da fala, do uso do sistema. Dessa forma, nasce a Sociolinguística (entre outras áreas), que tem como foco o estudo da língua em uso no seio das comunidades de fala. Nas palavras de Mollica e Braga (2003, p.9), a Sociolinguística “se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre a língua e sociedade”. Nesse sentido, serão objetos da Sociolinguística: o contato entre línguas, as questões relativas ao surgimento e à extinção linguística, o multilinguismo, a variação e a mudança linguísticas.

As línguas estão em constante mudança. Para constatar isso, basta observar diferenças lexicais e sintáticas entre os escritos em português de outras épocas e os de hoje. É bom entender que nem toda variação pressupõe mudança, mas toda mudança pressupõe variação, ou seja, para que uma mudança ocorra, a língua tem necessariamente de passar por um período em que há uma variação linguística, por um período em que coexistem duas ou mais variantes, que são as diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa. A um conjunto de variantes se dá o nome de “variável linguística”.

William Labov é o iniciador do modelo teórico que se convencionou chamar Teoria da Variação Linguística, também conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Sociolinguística Quantitativa, por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados. Dessa forma, o pesquisador tem como desafio verificar no “caos linguístico” se há variantes linguísticas, e como elas se comportam, se há contextos específicos para que possam ocorrer, se uma estará substituindo a outra, ou se há coexistência harmônica entre elas, e/ou até quando.

O reconhecimento e a sistematização da variação envolve alguns procedimentos. O Quadro 2, a seguir ilustra alguns desses procedimentos:

Quadro 2: Sistematização da variação linguística

PASSO	PROCEDIMENTO A SER ADOTADO
1	Levantamento exaustivo de dados da língua falada, para fins de análise. Esses dados refletem mais fielmente o vernáculo (língua própria de um país ou nação) da comunidade.
2	Descrição detalhada da variável acompanhada de um perfil completo das variantes que a constituem.
3	Análise dos possíveis fatores condicionadores (linguísticos e não linguísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre a(s) outra(s).
4	Encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade, em que nível linguístico e social da comunidade a variável pode ser colocada.
5	Projeção histórica da variável no sistema sociolinguístico da comunidade. A variação não implica necessariamente mudança linguística (ou seja, a relação de contemporização entre as variantes). A mudança, ao contrário, pressupõe a evidência de estado de variação anterior, com resolução da morte de uma das variantes.

Fonte: Tarallo (2004, p.10)

Na próxima seção, apresentaremos alguns trabalhos sobre os contextos e motivos que geram e/ou interferem na alternância dos modos indicativo e subjuntivo, objeto desse trabalho.

2.3 A alternância entre indicativo e subjuntivo sob a ótica da pesquisa linguística

2.3.1 Gonçalves (2003): subjuntivo como categoria pouco nítida

Na dissertação *Considerações sobre a flutuação no emprego do subjuntivo em contextos orais do Português do Brasil*, a autora tem como objetivo investigar a variação entre o subjuntivo e o indicativo em alguns contextos. O termo “flutuação” é usado para os casos em que a expectativa de emprego do subjuntivo é frustrada.

Um dos objetivos da dissertação é apresentar resultados descritivos que forneçam respostas às indagações sobre o comportamento da flutuação subjuntivos-indicativo. Em outras palavras, busca-se avaliar se essa flutuação é aleatória ou se é regular (e nesse caso, que fatores que a favorecem).

Os dados analisados provêm, em boa parte, da produção oral de doze professores de uma escola pública de Juiz de Fora, coletados entre os anos de 1996 e 1997.

Com base na Linguística Cognitiva (com inclinação funcionalista), a autora explica que a abordagem no funcionalismo cognitivista:

(...) é mais ampla: a organização e as escalas gramaticais refletem a nossa experiência concreta no mundo, o que inclui princípios cognitivos gerais, além de fatores relativos ao contexto específico de produção de enunciados.

(GONÇALVES, 2003, p.17)

A autora usa o conceito de protótipo e, para explicar a prototipia, ela lembra que a categorização é o processo básico do ser humano:

Segundo o autor (Lakoff), a maior parte de nossos símbolos, ou seja, palavras e representações mentais, não designam coisas particulares ou indivíduos no mundo, como, por exemplo, Ponte Rio-Niterói ou Carlos Drummond de Andrade; a maioria de nossas palavras e conceitos designam categorias.

(GONÇALVES, 2003, p. 19)

E, por serem as categorias conceituais humanas basicamente provenientes da experiência, elas não serão independentes: “as categorias humanas são, em suma, determinadas conjuntamente pelo mundo físico externo, pela biologia humana, mais considerações culturais (cf. Lakoff, 1987, 56)” (GONÇALVES, 2003, p. 21).

Além disso, Gonçalves (2003, p.22) explica que as categorias humanas “estabelecem ainda relações de *semelhança familiar*, ou seja, os membros de uma categoria podem estar relacionados sem que todos possuam um conjunto de propriedades em comum que defina a categoria”. Por isso, ocorre o efeito de prototipia, ou seja, os membros de uma mesma categoria apresentam assimetrias entre si. Portanto, existiriam melhores exemplos que outros: “Pardal e canário são membros mais representativos da categoria ave do que galinha, pinguim ou avestruz” (GONÇALVES, 2003, p.23).

A hipótese do Cognitivismo de que a linguagem é um reflexo e uma decorrência de nossas estruturas cognitivas (cf. GONÇALVES, 2003, p. 23) faz com que também as categorias gramaticais apresentem efeitos de prototipia.

Sobre os modos indicativo e subjuntivo, a autora esclarece:

(...) as distinções de valores entre indicativo e subjuntivo devem ser entendidos em termos de caracterizações prototípicas, mas não com propriedades fixas e auto-excludentes.

(GONÇALVES, 2003, p.42)

Diz Gonçalves (2003, p.43) que no modo subjuntivo “incluem-se noções protipicamente modais – seja de tipo epistêmico (dúvida, hipótese, possibilidade, probabilidade, necessidade), seja de tipo deontico (ordem, consentimento, aprovação, desejo, vontade)”. A autora ainda acrescenta que “conforme esclarece Camara Jr. (1996a, 169) e à semelhança do que ocorre em muitas outras línguas do mundo (cf. Palmer, 1986,22) este modo tende a ser uma forma redundante, uma vez que, nos enunciados em que é empregado, o caráter modal de dúvida já está presente nas estruturas ou no conectivo que determinam seu uso” (GONÇALVES, 2003, p.43).

Quanto à tipicidade, a autora afirma que “o subjuntivo é mais típico em português em orações subordinadas” (GONÇALVES, 2003, p.43).

E conclui a autora, com base no exame dos resultados descritivos que o subjuntivo é:

(...) uma categoria clássica, assimétrica, tanto do ponto de vista semântico quanto do ponto de vista morfossintático. (...) mas que ainda possui identidade semântico-pragmática na língua, que está na base de seus usos mais prototípicos e, portanto, mais regulares.

(GONÇALVES, 2006, p.44)

Os melhores exemplos, ou os usos mais prototípicos do subjuntivo são:

(...) aqueles que se verificam em estruturas tipicamente vocacionadas à expressão da modalidade deontica, que ocupa a posição mais central na categoria do subjuntivo, ou seja, em orações subordinadas complementares, depois de verbos, nomes ou locuções equivalentes que denotam ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição; e em orações subordinadas complementares, depois de verbos ou locuções formadas por *ser*, *estar*, *ficar* + substantivo ou adjetivo que denotam desejo e necessidade.

(GONÇALVES, 2003, p. 45)

Como usos menos prototípicos do subjuntivo, mas ainda bastante disseminados:

(...) se verificam em estruturas tipicamente vocacionadas à expressão da modalidade epistêmica, isto é, em orações complementares, depois de verbos ou locuções formadas por *ser*, *estar*, *ficar* + substantivo ou adjetivo que denotam probabilidade, possibilidade (...).

(GONÇALVES, 2003, p. 46)

No trabalho de Gonçalves (2003), houve flutuação em 47 casos de um total de 240, ou seja, cerca de 20% do total de casos mapeados. Desses 47 casos, 41 apresentaram o valor modal do subjuntivo: 11 em construções de valor deontico e 30 em construções de valor epistêmico.

No total de 61 casos de orações subordinadas completivas objetivas diretas de modalidade deôntica, 56 representaram o uso regular do subjuntivo. Por isso a hipótese de que a modalidade deôntica é a prototípica parece se confirmar, uma vez que tem menor variação, conforme se observa em exemplo extraído de Gonçalves (2003, p. 60 – grifo nosso):

- (1) Antes de não olhem pro texto ainda eu **quero** que vocês **pensem** naquelas estratégias que a gente tava discutindo eu sei que são estratégias de antecipação

Um dos 5 casos de flutuação, pode ser visto no exemplo abaixo (GONÇALVES, 2003, p. 61 – grifo nosso):

- (2) Meu filho eu **quero** que **vai** trabalhar que esse negocio de artista vai deixar a sua família passando fome.

Mas a autora também verifica um caso em que nenhum item lexical condiciona o subjuntivo, e mesmo assim ele é usado pelo falante, mostrando que há consciência do falante sobre o valor modalizador epistêmico do subjuntivo (GONÇALVES, 2003, p. 65):

- (3) Tá mas a gente talvez consiga mais um pouco então o projeto tem algum dinheiro tá gente que possa ser usado não sei o montante mas a Laura disse que a Lúcia sabe e esse dinheiro então a gente pode para (+) não é grandes coisas mas é uma ajuda (+) pra cobrir alguma coisa que a gente traga aqui e não dá pra trazer grandes nomes (+) os grandes nomes tem cachê alto.

Dessa forma, a autora conclui que:

- a) As categorias gramaticais são como as categorias humanas: assimétricas e apresentam efeitos de prototipia (melhores e piores exemplos para a mesma categoria);
- b) Dentre os usos modais do subjuntivo, a modalidade deôntica é a prototípica, tendo menor ocorrência de flutuação e
- c) A flutuação no emprego das categorias gramaticais tende a ser maior fora do núcleo prototípico da categoria.

2.3.2 Oliveira (2006): verbos volitivos e verbos de opinião

No artigo *O uso do modo verbal em estruturas de complementação no Português do Brasil* a autora examinará a distribuição dos modos indicativo e subjuntivo nas orações subordinadas substantivas, principalmente as que ocorrem com os verbos volitivos (que expressam vontade, desejo, como *querer*, *pedir* e *esperar*) e com os verbos de opinião (que expressam conhecimento, crença, como *achar*, *crer*, *acreditar*), comparando os dados do português da Paraíba com o de outras variedades do Brasil (principalmente o português falado no Rio de Janeiro e em Brasília) e também com o português de Portugal.

Conforme Oliveira (2006, p. 505), o trabalho está baseado “na teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981,1986) em articulação com pressupostos da Teoria Variacionista (LABOV, 1972)”. Dessa forma, os fenômenos de variação e de mudança linguística serão explicados tendo em conta tanto os fatores determinados pela Faculdade da Linguagem (visto as propriedades comuns a todas as gramáticas e as propriedades que ganham valor específico de acordo com uma determinada língua), quanto os fatores externos. Dentre os fatores externos, a autora privilegiou as seguintes variáveis sociais: escolarização, idade e gênero.

O resultado para os verbos volitivos *querer*, *pedir*, *esperar* nos dados de fala da Paraíba, foi de uso quase total do modo subjuntivo, conforme se observa nos exemplos abaixo (extraídos de OLIVEIRA, 2006, p. 521 – grifos da autora). Nesses dados, a variável escolaridade não influenciou os resultados:

- (4) a. A gente vai, vai pra lá. Ela quer que eu vá de qualquer maneira.
 b. (...) eu peço a Deus isso que ele me *guie*, me *ajude* e me *guarde* de, de, de coisas
 ...
 c. (...) mais eu tô esperando que ele *complete* a obra.

Houve um único caso de construção com o indicativo na oração subordinada substantiva com verbo volitivo na matriz, conforme se verifica no exemplo abaixo (OLIVEIRA, 2006, p.522):

- (5) (...) espero que se Deus quiser para o ano eu *continuo a estudar*, se Deus quiser.

A autora propõe que essa variação talvez tenha ocorrido devido à expressão “se Deus quiser”, que teria criado uma ruptura sintático-semântico. De qualquer forma, o uso quase

exclusivo do subjuntivo com os verbos volitivos aproxima essa variedade de português brasileiro ao português europeu (PE):

O padrão encontrado nos dados da Paraíba alinha-se, (...) com o que é atestado em Mateus et al. (2003), em relação ao português europeu (PE). De acordo com essas autoras, no PE, verbos volitivos categoricamente o subjuntivo na oração subordinada, uma situação também atestada para o espanhol, conforme se verifica em diferentes gramáticas descritivas (OLIVEIRA, 2006, p.522-523).

Diferentemente dos estudos de Rocha (*apud* OLIVEIRA, 2006, p.515)⁸ com dados de fala de Brasília e Rio de Janeiro, citados por Oliveira (2006, p.515):

Os resultados obtidos por Rocha (...) com os volitivos, ainda que sejam grandes favorecedores do subjuntivo (...) ocorrem formas verbais também com o indicativo. Rocha observa que essa variação entre subjuntivo e o indicativo (...) é difundida entre os diferentes grupos de falantes, e não muito estigmatizada, principalmente se o tempo verbal da encaixada é o presente. (...). (OLIVEIRA, 2006, p.515)

Segue um exemplo de Rocha, citado por Oliveira (2006, p 516), que representa o caso acima:

(6) Você quer qu'eu ligo pra você quando eu chegar?

Quanto aos verbos de opinião como *crer*, *achar* e *acreditar*, a autora identificou alternância entre as formas do indicativo e subjuntivo nos dados da Paraíba, conforme se verifica nos exemplos a seguir (OLIVEIRA, 2006, p 523-524 – grifos da autora):

(7) a. Eu acho que *seja* ótimo. Da minha parte, cum meus vizinho são ótimo.

b. Acho que *ficô* cego de um olho.

(8) a. Mais eu acredito que eles *precisasse* ei [aju] tentaria ajuda o máximo possível...

b. Eu acredito que depois da morte *tem* o nosso encontro com Deus.

(9) a. Porque eu creio numa cidade tão grande como essa ainda *tenha* gente que fique parada...

b. E eu creio que *vou obter* um dia se for fiel e ele até o fim...

⁸ O trabalho de Rocha a que a autora faz referência é o seguinte:

ROCHA, Rosa Cecília Freire da. **A alternância indicativo/subjuntivo nas orações subordinadas substantivas em português**. 1997. 123f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

Como foram obtidos 520 dados com o indicativo e 17 com o subjuntivo, a autora percebe que “com verbos de opinião, tanto o modo subjuntivo quanto o modo indicativo são encontrados na oração subordinada, embora seja significativa a preferência pelo indicativo” (OLIVEIRA, 2006, p.525). Dessa forma, há semelhanças entre os resultados obtidos pela autora com a revisão que ela fez sobre os resultados de Rocha (1997) e com a proposta de Mateus *et al*, com algumas peculiaridades:

Ao considerarmos separadamente cada verbo, verificamos, porém, que os dados da Paraíba não correspondem de forma exata ao padrão descrito por Mateus et al. (2003) para o PE, pois, segundo as autoras, no PE, os verbos *crer* e *achar* ocorrem apenas com o indicativo, ao passo que *acreditar* ocorre tanto com o indicativo quanto com o subjuntivo. Essa divergência se dá basicamente com o verbo *achar*, que, nos dados da Paraíba, e diferentemente do PE, apresenta uso variável do modo verbal na oração subordinada, ainda que o indicativo tenha alta frequência; o verbo *crer* só apresenta uma ocorrência do subjuntivo, o que nos leva a afirmar que seu uso com o indicativo é quase categórico nos dados da Paraíba; o verbo *acreditar*, por sua vez, tem comportamento semelhante ao encontrado no PE, verificando-se a alternância entre o modo indicativo e o subjuntivo. (OLIVEIRA, 2006, p. 525)

Conforme Oliveira (2006, p. 526), a variável escolarização mais uma vez não foi significativa, visto que, na produção de subjuntivo com os verbos de opinião nos dados da Paraíba foi encontrada nas diferentes faixas de escolarização.

Segundo Oliveira (2006), a presença da negação na oração matriz é favorecedora do modo subjuntivo, mesmo tendo encontrado formas de subjuntivo com ou sem elemento de negação com os verbos *achar* e *acreditar*, conforme os exemplos a seguir (OLIVEIRA, 2006, p 526-527 – grifos da autora):

- (10) a. (...) aí acho que talvez **num** *conclua* o primário esse ano.
b. (...) realmente eu acho que *seja* e muita gente, né?

Dessa forma, a autora chega às seguintes conclusões:

- a) com verbos volitivos – *querer*, *pedir* e *esperar* – foi encontrado quase categoricamente o uso do subjuntivo nas orações subordinadas substantivas produzidas na fala da Paraíba, ou seja, com a mesma regra do PE. Com valores paramétricos diferentes, as regiões Centro-Oeste e Sudeste do Brasil apresentam variação, ou seja, a entrada do indicativo em ambiente previsto para subjuntivo (o modo verbal, nesses casos, não assume função gramatical);

- b) com verbos de opinião – *achar*, *crer* e *acreditar* – verificou-se variação, assemelhando-se aos estudos feitos no Centro-Oeste e Sudeste do Brasil;
- c) em comparação com o PE, os verbos *achar* e *crer* admitem somente o indicativo; apesar de ter havido bastante ocorrência de indicativo nos dados da autora, houve também ocorrência do subjuntivo para esses contextos;
- d) o verbo *acreditar* apresentou variação, conforme o que se vê no PE e
- e) a negação favorece a ocorrência do modo subjuntivo.

2.3.3 Vieira (2007): modalidade *irrealis* e não-marcação do modo subjuntivo

A dissertação *Alternância dos modos indicativo e subjuntivo em orações subordinadas substantivas: uma comparação entre o português do Brasil e o francês do Canadá* investiga contextos em que há ocorrência do modo indicativo, frustrando a prescrição da Gramática Normativa sobre o uso do modo subjuntivo, conforme exemplo abaixo (VIEIRA, 2007, p.55 – grifo da autora):

- (11) ... aí um raio atingiu a nave ... aí desapareceu ... né ... aí nisso ... aí ele ficou desesperado ... chorando ... porque pensou que ele tinha morrido ... né ... que o doutor Brown tinha morrido...

Baseando-se na Linguística Funcional norte-americana, especialmente nos estudos de Talmy Givón e utilizando o corpus Discurso e Gramática, a autora vai verificar se continua existindo o subjuntivo, se ele ocorre dentro da norma estabelecida pela Gramática Tradicional, e caso não ocorra, quais são os contextos condicionantes.

Para o trabalho, a autora se utiliza dos conceitos de modalidade deôntica (pragmático), modalidade epistêmica (semântico), marcação e não-marcação.

A tradição lógica associa à modalidade epistêmica os significados de verdade, crença, probabilidade, certeza, evidência. Já a modalidade deôntica está relacionada aos significados de desiderabilidade, preferência, intento, habilidade, obrigação, manipulação. Givón, ao reinterpretar essa tradição, constata quatro modalidades proposicionais (ou seja, atitudes do falante ao comunicar algo) epistêmicas, que redefine em termos prototípicos, e as associa ao seu equivalente comunicativo: a) verdade necessária é equivalente comunicativo de uma pressuposição; b) verdade factual é equivalente comunicativo de asserção *realis*; c) verdade

possível é equivalente comunicativo a asserção *irrealis*; d) não-verdade é equivalente comunicativo de asserção negativa:

Em a, a proposição é admitida como verdadeira para os participantes, sem questionamentos. Em b, a proposição é fortemente tida como verdadeira, mas um questionamento pelo ouvinte é apropriado. Em c, a proposição é fracamente considerada como possível provável ou incerto (submodo epistêmico), ou necessária, desejada, indesejada (submodo deôntico). Uma interpelação pelo ouvinte é esperada. E finalmente em d, a proposição é fortemente tida como falsa, normalmente contra as crenças do ouvinte.

(VIEIRA, 2007, p.24)

Dessa forma a leitura dos conceitos *realis* e *irrealis* é aprimorada: *realis* não é apenas o que é real, mas também o que é cognitivo: de questões de verdade lógica para questões de certeza subjetiva (VIEIRA, 2007, p.24). *Irrealis*, por sua vez, não é apenas o que é irreal, mas também o que é comunicativo: de uma semântica orientada pelo falante para uma pragmática interativa, envolvendo negociação social entre falante e ouvinte.

Quanto à marcação, tem-se os seguintes critérios para distinguir as estruturas marcadas das estruturas não-marcadas: a complexidade estrutural, a distribuição de frequência e complexidade cognitiva.

Para o estudo, que obteve 106 ocorrências do uso de subjuntivo, sendo 94 em conformidade com a Gramática Tradicional, a autora tratou o subjuntivo, nesses casos, como modo não-marcado: houve maior frequência, principalmente em orações subordinadas substantivas objetivas diretas, mostrando que essas orações são menos complexas cognitivamente (visto que possuem como centro semântico um verbo transitivo direto) e estruturalmente (não marcadas, pois sua estrutura é mais simples quando comparada a outras orações subordinadas substantivas). Segue um exemplo extraído do trabalho de Vieira (2007, p.46 – grifo da autora):

- (12) ... foi uma explosão ... quebrou todo o material que estava exposto em cima da mesa ... eu branca ... eu fiquei ... olha ... eu pensei que eu fosse morrer sabe ... quando ... o colégio inteiro correu pro laboratório pra ver o que tinha sido ...

Para as outras 12 ocorrências fora do padrão previsto pela Gramática Tradicional, todas em orações subordinadas substantivas objetivas diretas, a autora explica:

A alternância entre os modos subjuntivo e indicativo, nas orações subordinadas substantivas introduzidas por *que*, tende a acontecer preferencialmente quando o verbo da oração principal pertence ao campo semântico de baixa certeza, ou seja, ao submodo epistêmico. Esse submodo, que é considerado por Givón (2001) como a categoria não marcada, favorece a variação no emprego do modo subjuntivo, pois a alta frequência de uso provoca um desgaste ou desbotamento semântico, ocasionando o surgimento de novas estruturas que representam maneiras distintas de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto com o mesmo valor de verdade.

(VIEIRA, 2007, p.56)

Dessa forma, conclui-se que:

- a) pode-se prever os contextos em que o subjuntivo ocorrerá: semânticos de baixa certeza (epistêmico - *irrealis*) e de fraca manipulação (deôntico - *irrealis*);
- b) os submodos da modalidade *irrealis* (epistêmico e deôntico) são escalares, podendo haver verbos que oscilem entre os campos de baixa certeza e fraca manipulação;
- c) os verbos que projetam uma modalidade *irrealis* sobre seus complementos são preferencialmente os de modalização, os de manipulação e os de percepção/cognição/enunciação;

- c₁) de modalização, não implicativo (não implica que o evento em seu complemento vai ocorrer), projetam modalidade deôntica sobre seus complementos (nesse caso, intenção voltada sobre o próprio agente da ação).

Exemplos: *querer, planejar, decidir, tentar*.

- c₂) de manipulação, não implicativos, também projetam modalidade deôntica sobre seus complementos.

Exemplos: *querer* (sujeito da oração principal diferente do sujeito da oração subordinada), *pedir, mandar, proibir*.

- c₃) de percepção/cognição/enunciação: não-factivos (não pressupõem seus complementos) projetam os dois submodos: epistêmicos (*pensar, imaginar, acreditar, ter certeza, dizer*) e deôntico (*desejar, esperar, preferir, decidir, temer*).

- d) a justificativa para as outras 12 ocorrências fora da norma padrão deve-se à influência de fatores pragmáticos (deônticos) e semânticos (epistêmico): as orações subordinadas substantivas objetivas diretas favoreceram a alternância entre os modos verbais, pois constituíram a categoria não-marcada em relação às demais orações subordinadas substantivas e

- e) o campo semântico de baixa certeza, correspondente ao submodo epistêmico, favorece a alternância entre os modos verbais, pois representa a categoria não-marcada em relação ao submodo deôntico.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA DA PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo analisam-se algumas situações de variação entre os modos indicativo e subjuntivo com os *pensar* e *querer*. Ele se divide em quatro seções. Na primeira seção, será descrita a pesquisa em termos gerais. Na segunda, será explicada a metodologia da coleta de dados. Na terceira, são apresentados os resultados encontrados e é desenvolvida uma análise desses resultados. Finalmente, na quarta e última seção é feita uma breve comparação entre esses resultados e os resultados reportados nos três trabalhos sobre variação de uso dos modos indicativo e subjuntivo resenhados no capítulo dois deste estudo.

3.1 Descrição geral da pesquisa

Com base nos estudos feitos sobre a variação dos modos indicativo e subjuntivo, este estudo se propôs a verificar como os alunos empregavam os modos indicativo e subjuntivo em sua escrita. Para tanto, foram selecionados alunos dos três anos do Ensino Médio de uma escola particular da Asa Sul de Brasília – DF. Os alunos escolhidos pertenciam a ambos os sexos e sua faixa etária variava entre 14 e 18 anos. O contexto investigado era constituído de orações subordinadas substantivas objetivas diretas que traziam os verbos *pensar* e *querer* na oração principal.

Escolheu-se a investigação com alunos nessa faixa etária, pois, além de os seus conhecimentos linguísticos estarem teoricamente mais sedimentados, esses alunos também estariam mais maduros para uma avaliação dessa natureza, uma vez que eles também estão se preparando, de forma intensiva, para o vestibular.

Em relação à classe social, podemos dizer que os alunos são provenientes de uma classe social elevada e que, por conta disso, eles têm mais acesso a bens culturais e um maior contato com a língua escrita e com a variedade padrão da língua portuguesa.

Foram escolhidos os verbos *pensar* e *querer* no contexto de orações subordinadas substantivas, pois essas orações são o contexto prototípico para a ocorrência do modo subjuntivo, como foi visto no capítulo anterior.

3.2 Metodologia de coleta de dados

O instrumento de coleta de dados foi um questionário dividido em dois tipos de questões. A primeira questão era constituída por 14 itens e, em cada um desses itens, havia um período composto subordinação substantiva, sendo que a oração principal continha o verbo *pensar* (6 itens) ou o verbo *querer* (8 itens). A tarefa dos alunos era completar a oração subordinada substantiva objetiva direta com a escolha do modo verbal apropriado (indicativo e/ou subjuntivo) para o verbo sugerido entre parênteses. As formas esperadas para esse primeiro conjunto de questões eram: a) variação entre indicativo e subjuntivo para o verbo *pensar* e b) subjuntivo para o verbo *querer*. Os itens dessa questão são mostrados abaixo:

QUESTÃO I: ESCOLHA DE MODO VERBAL	
1) Preencha as lacunas com os verbos entre parênteses:	
a)	Pensava comigo mesmo numa letra que _____ o que digo. (simbolizar)
b)	Eu pensava que eles _____ para casa. (ir)
c)	Pensei que _____ chegar cedo. (ir)
d)	Eles pensam que _____ normais. (ser)
e)	Penso que você _____ chegar cedo todo dia. (dever)
f)	Não penso que o mundo _____ acabar. (ir)
g)	Ela quer que nós a _____. (acompanhar)
h)	Quero ser o primeiro que te _____ duquesa. (chamar)
i)	Quero que me _____ o plano de metas. (apresentar)
j)	Quero que _____ trabalhar. (ir)
k)	Quero que vocês _____ naquelas estratégias que estávamos discutindo. (pensar)
l)	Queria que vocês _____ cedo amanhã. (chegar)
m)	Querem que a gente _____ amanhã. (voltar)
n)	Não quero que ele me _____. (julgar)

A segunda questão era formada por 8 itens em que também havia períodos compostos por orações subordinadas aos verbos *pensar* (4 itens) e *querer* (4 itens). Diferentemente da questão anterior, essa questão não trazia a oração subordinada objetiva direta nem era sugerido um verbo a ser conjugado. Nessa questão, os alunos deveriam montar toda a oração subordinada substantiva objetiva direta, escolhendo livremente o verbo a ser usado. Nosso objetivo era avaliar que modo verbal os alunos escolheriam para a formação da subordinada. Esperávamos que houvesse variação de modo verbal (entre o uso do uso indicativo e subjuntivo) nas orações subordinadas ao verbo *pensar* e que eles houvesse emprego absoluto

do modo subjuntivo para completar as orações com o verbo *querer*. Os itens dessa questão são apresentados a seguir:

QUESTÃO II: SELEÇÃO DE VERBO E MODO VERBAL

2) Termine as frases abaixo:

- a) Penso que _____
- b) Pensei que _____
- c) Pensava que _____
- d) Tinha pensado que _____
- e) Quero que _____
- f) Quis que _____
- g) Queria que _____
- h) Tinha querido que _____

Foram aplicados ao todo 79 questionários, assim distribuídos:

41 questionários no 1º ano do Ensino Médio,

26 no 2º ano Ensino Médio e

12 no 3º ano do Ensino Médio.

3.3 Análise dos dados

Passamos agora a analisar os resultados obtidos com a aplicação do questionários. Essa seção se divide em duas subseções, uma que vai tratar do verbo *pensar* e outra, que vai abordar o verbo *querer*.

3.3.1 O modo verbal associado ao verbo *pensar*

Recapitulemos, no Quadro 3, a seguir, o que já foi dito neste trabalho sobre o verbo *pensar*, antes de iniciarmos a apresentação dos resultados dos questionários respondidos em sala de aula e sua análise:

Quadro 3: Verbo *pensar* - sistematização

VERBO <i>PENSAR</i>	
Cunha e Cintra (2001. p. 465 – grifo nosso)	“quando nos servimos do MODO INDICATIVO, consideramos o fato expresso pelo verbo como certo, real, seja no presente, seja no passado, seja no futuro”. Contextualizando o uso do modo indicativo, os autores demonstram que pode haver interferência de verbos que regerão esse modo: “O indicativo é usado geralmente nas orações que completam o sentido de verbos como <i>afirmar, compreender, comprovar, crer</i> (no sentido afirmativo), <i>dizer, pensar, ver, verificar</i>”.
Vieira (2007)	Os verbos que projetam uma modalidade <i>irrealis</i> sobre seus complementos são preferencialmente os de modalização, manipulação e os de percepção / cognição / enunciação. O verbo <i>pensar</i> aparece na última categoria: - de percepção/cognição/enunciação: não-factivos (não pressupõem seus complementos), projetam os dois submodos: epistêmico (<i>pensar</i>, <i>imaginar, acreditar, ter certeza, dizer</i>) e deontico (<i>desejar, esperar, preferir, decidir, temer</i>).

Fonte: Elaborado pela autora com base em Cunha e Cintra (2001) e Vieira (2007)

Passemos à discussão dos resultados com o verbo *pensar*, um verbo de percepção / cognição / enunciação segundo Vieira (2007). Na Tabela 1, temos os resultados para os cinco primeiros itens da Questão I, questões que trazem o verbo *pensar* no contexto afirmativo:

Tabela 1: Questão I – o verbo *pensar* em contexto afirmativo

Sexo Forma verbal	1º ano		2º ano		3º ano		Total
	Masc 26 alunos	Fem 15 alunas	Masc 13 alunos	Fem 13 alunas	Masc 8 alunos	Fem 4 alunas	
Verbo no indicativo	111	62	59	54	29	17	401
Verbo no subjuntivo	16	12	6	11	11	3	68
Resposta inesperada	2	1	0	0	0	0	3
Em branco	1	0	0	0	0	0	1

Na Tabela 2, apresentamos os resultados para sexto item da Questão I, que traz o verbo *pensar* no contexto negativo:

Tabela 2: Questão I – o verbo *pensar* em contexto negativo

Sexo Forma verbal	1º ano		2º ano		3º ano		Total
	Masc 26 alunos	Fem 15 alunas	Masc 13 alunos	Fem 13 alunas	Masc 8 alunos	Fem 4 alunas	
Verbo no indicativo	24	14	12	12	5	3	70
Verbo no subjuntivo	2	1	1	1	3	1	9
Resposta inesperada	0	0	0	0	0	0	0
Em branco	0	0	0	0	0	0	0

Finalmente, a Tabela 3 descreve os resultados da Questão II:

Tabela 3: Questão II – o verbo *pensar*

Sexo Forma verbal	1º ano		2º ano		3º ano		Total
	Masc 26 alunos	Fem 15 alunas	Masc 13 alunos	Fem 13 alunas	Masc 8 alunos	Fem 4 alunas	
Verbo no indicativo	96	52	50	40	28	16	282
Verbo no subjuntivo	8	7	2	10	4	0	31
Resposta inesperada	0	1	0	0	0	0	1
Em branco	0	0	0	2	0	0	2

Dos dados constantes das Tabelas acima com o verbo *pensar*, podemos tecer as seguintes constatações. Como vimos, a oração subordinada ao verbo *pensar* admite tanto o indicativo como o subjuntivo, no entanto, os resultados nos mostram que, quando se compara a variação encontrada nos dois tipos de questões, percebe-se pouca diferença uma vez que, em ambas, há preferência muito forte pelo uso do indicativo. Na Questão II, por exemplo, em que a escolha do verbo era livre, encontraram-se 53 formulários com 100% de uso do indicativo (ou seja, 67% do total) e, nos formulários dos outros 26 alunos, constou o indicativo, só que não com exclusividade.

Passemos a apresentar alguns exemplos das respostas encontradas. Na Questão I, a variação entre modos, ocorreu em todas as frases como vemos a seguir⁹:

⁹ Os exemplos estão transcritos da maneira que foram encontrados nas respostas dos alunos.

- (1) Questão I: variação no uso do modo verbal associado ao verbo *pensar* (resultado esperado)
- Pensava comigo mesmo numa letra que *simboliza – simbolizou – simbolizava – simbolizaria – simbolize – simbolizasse* o que digo.
 - Eu pensava que eles *foram – iam – iriam – irião – iria – foram – fossem – vinhão – iram* para casa.
 - Pensei que *iram – iria – irias – iriam – iríamos – íamos – ia – iam – fosse – irá* chegar cedo.
 - Não penso que o mundo *vai – irá – irar – ia – vá – iria* acabar.
 - Eles pensam que *são – seremos – sejam – somos – seram – serem – seriam – serão – irão – seremos – sois – eram – seria* normais.
 - Penso que você *deverá – deveria – deva – deve – deverão – devia* chegar cedo todo dia.

Na Questão I, ainda foram encontradas respostas inesperadas em alguns casos. Nesses casos, os alunos usaram o verbo no infinitivo ou no gerúndio:

- (2) Questão I: formas inesperadas
- Pensei que *ir* chegar cedo.
 - Eles pensam que *sendo – ser* normais.

Na Questão II, de escolha livre de verbo, houve uma única pessoa que deixou em branco as seguintes orações:

- (3) a. Queria que _____
 b. Tinha querido que _____

3.3.2 O modo verbal associado ao verbo *querer*

Da mesma forma que fizemos para o verbo *pensar*, apresentaremos, no quadro 4, primeiramente, um breve resumo do que já mencionamos neste trabalho sobre o verbo *querer*:

Quadro 4: Verbo *querer* - sistematização

VERBO QUERER	
Cunha e Cintra (2001. p. 466 – grifo nosso)	“O subjuntivo é o modo exigido nas orações que dependem de verbos cujo sentido está ligado à ideia de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica, de condição e outras correlatas. É o caso, por exemplo, dos verbos <i>desejar, duvidar, implorar, lamentar, negar, ordenar, pedir, proibir, querer, rogar e suplicar</i> ”.
Vieira (2007)	Os verbos que projetam uma modalidade <i>irrealis</i> sobre seus complementos são preferencialmente os de modalização, manipulação e os de percepção/cognição/enunciação. O verbo <i>querer</i> aparece nas duas primeiras categorias: - de modalização, não implicativos (não implicam que o evento em seu complemento vai ocorrer), projetam modalidade deôntica sobre seus complementos (nesse caso, intenção voltada sobre o próprio agente da ação). Exemplos: querer, <i>planejar, decidir, tentar</i>. - de manipulação, não implicativos, também projetam modalidade deôntica sobre seus complementos. Exemplos: querer (sujeito da oração principal diferente do sujeito da oração subordinada), <i>pedir, mandar, proibir</i>.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Cunha e Cintra (2001) e Vieira (2007)

O verbo *querer* esse verbo foi usado no questionário como verbo de manipulação e apareceu em contextos afirmativos e negativos. As Tabelas a seguir mostram os resultados obtidos nos questionários.

A Tabela 4 apresenta os resultados referentes aos 7 itens da Questão I que trazem o verbo *querer* em contexto afirmativo:

Tabela 4: Questão I – o verbo *querer* em contexto afirmativo

Sexo Forma verbal	1º ano		2º ano		3º ano		Total
	Masc 26 alunos	Fem 15 alunas	Masc 13 alunos	Fem 13 alunas	Masc 8 alunos	Fem 4 alunas	
Verbo no indicativo	19	8	5	4	4	0	40
Verbo no subjuntivo	154	94	83	85	52	27	495
Resposta inesperada	5	3	3	1	0	1	13
Em branco	4	0	0	1	0	0	5

A Tabela 5 traz o último item da Questão I em que há o verbo *querer* em contexto negativo:

Tabela 5: Questão I – o verbo *querer* em contexto negativo

Sexo Forma verbal	1º ano		2º ano		3º ano		Total
	Masc 26 alunos	Fem 15 alunas	Masc 13 alunos	Fem 13 alunas	Masc 8 alunos	Fem 4 alunas	
Verbo no indicativo	0	0	0	0	0	0	0
Verbo no subjuntivo	26	15	13	13	8	4	79
Resposta inesperada	0	0	0	0	0	0	0
Em branco	0	0	0	0	0	0	0

Por fim, a Tabela 6 contempla os resultados referentes à Questão II:

Tabela 6: Questão II – o verbo *querer*

Sexo Forma verbal	1º ano		2º ano		3º ano		Total
	Masc 26 alunos	Fem 15 alunas	Masc 13 alunos	Fem 13 alunas	Masc 8 alunos	Fem 4 alunas	
Verbo no indicativo	0	0	0	2	1	0	3
Verbo no subjuntivo	102	59	48	48	30	16	303
Resposta inesperada	1	0	3	0	1	0	5
Em branco	1	1	1	2	0	0	5

Da análise dos resultados apresentados nas três Tabelas, podemos dizer que há uma variação quanto ao modo verbal da oração subordinada ao verbo *querer*. Nessa situação de variação linguística, o modo subjuntivo é o modo favorecido, pois é o que tem mais ocorrências nas respostas às duas questões propostas aos alunos.

Digno de nota é o fato de que quando *querer* aparece no contexto da negação (Tabela 5) não há variação: o subjuntivo é categórico, ocorrendo em 100% das respostas. Isso confirma o resultado obtido por Oliveira (2006), que verificou que a presença da negação na oração matriz é favorecedora do modo subjuntivo.

Quando se compara a variação encontrada na primeira questão com a encontrada na segunda, percebe-se que, na Questão I, houve mais casos de variação do que na Questão II.

Abaixo apresentamos exemplos de respostas encontradas. Começamos com a Questão I primeira questão com os exemplos em que houve uso do subjuntivo – a forma esperada – e exemplos em que aparece o indicativo – ilustrando o contexto de variação:

- (4) Questão I: uso do modo subjuntivo associado ao verbo *querer* (resultado esperado)
- a. Não quero que ele me *julgue*.
 - b. Queria que vocês *chegasse – chegassem – cheguem* cedo amanhã.
 - c. Querem que a gente *volte* cedo amanhã.
- (5) Questão I: uso do modo indicativo associado ao verbo *querer* (índice de variação linguística)
- a. Ela quer que nós a *acompanhamos*.
 - b. Quero ser o primeiro que te *chama – chamo – chamou – chamarei – chamará – chamaria* duquesa.
 - c. Quero que *irá – iramos – vamos – vai – iremos – trabalhe – venham – vão* trabalhar.
 - d. Quero que vocês *pensei* naquelas estratégias que estamos discutindo.

Da mesma forma que aconteceu com o verbo *pensar*, também houve exemplos de formas inesperadas. A diferença ficou por conta do fato de as formas inesperadas com *querer* terem aparecido em ambas as questões e, em suas respostas, os alunos terem usado o infinitivo ou outra resposta que nada tinha a ver com o que se esperava (como no exemplo 7b):

- (6) Questão I: formas inesperadas
- a. Ela quer que nós a *acompanhar*.
 - b. Quero ser o primeiro que te *chamar* duquesa.
 - c. Quero que me *apresentar* o plano de metas. (01 caso – 1% do total)
 - d. Quero que *ir* trabalhar.
- (7) Questão II: formas inesperadas
- a. Queria que *estar no shopping*.
 - b. Queria que *tanto faz*.
 - c. Tinha querido que *namorar com a Acsa*.
 - d. Tinha querido que *saber de tudo*.
 - e. Tinha querido que *tomar água*.

Na Questão II, apenas 3 apresentaram uso de indicativo quando se esperava o subjuntivo:

- (8) a. Quis que meus pais *dariam* certo.
b. Quero que *farei*.

Ainda referente à Questão II, abaixo são apresentados exemplos de alternativas deixadas em branco:

- (9) a. Tinha querido que _____
b. Quis que _____

Para encerrar esse capítulo analítico, serão feitas algumas observações sobre os resultados encontrados nesta pesquisa e os resultados obtidos nos estudos apresentados no Capítulo 2 deste trabalho.

3.4 Comparando resultados

Fazendo-se a média aritmética simples da ocorrência de indicativo e subjuntivo para os verbos *pensar* e *querer* nas respostas dadas pelos alunos, chegamos às seguintes porcentagens:

Tabela 7: Porcentagens das respostas

Forma verbal empregada	Verbo			
	<i>Pensar</i>		<i>Querer</i>	
	Total	%	Total	%
Uso do indicativo	753	86,76	43	4,53
Uso do subjuntivo	108	12,44	877	92,52
Outros: formas inesperadas e questões em branco	7	0,80	28	2,95

Dessa forma, verifica-se que existe variação entre subjuntivo e indicativo nos dois verbos aqui analisados. Entretanto observou-se que, em relação ao verbo *pensar*, o índice de variação entre os dois modos favoreceu o indicativo enquanto que a variação envolvendo *querer* favoreceu o subjuntivo. Fazendo a comparação de nossos resultados com os resultados dos trabalhos apresentados no Capítulo 2, podemos afirmar que os nossos resultados:

- a) Estão de acordo com a análise de Gonçalves (2003):
- a₁) o verbo *pensar* é epistêmico, o menos prototípico da categoria subjuntivo e, por essa razão, permite uma maior variação entre os modos indicativo e subjuntivo. Esse foi o nosso resultado: 12,44% de subjuntivo contra 86,76% de ocorrência de indicativo.
 - a₂) o verbo *querer* é deontico, por isso a ocorrência do subjuntivo é mais prototípica, e sendo prototípico (melhor exemplo de uma categoria) espera-se menor ocorrência de variação. Foi o que encontramos nos nossos dados: 92,52% de ocorrência de subjuntivo contra 4,53% de ocorrência de indicativo e
- b) Em relação ao verbo *querer*, estão de acordo com Oliveira (2006)¹⁰, pois os verbos volitivos (classe que inclui o verbo *querer*) favorecem o uso do modo subjuntivo em 76% dos casos. Nos nossos resultados a porcentagem de uso desse verbo é da ordem de 92,52% dos casos.
- c) Estão de acordo com Vieira (2007), uma vez que o verbo *pensar*, que é classificado por ela como de percepção / cognição / enunciação projeta o submodo epistêmico da modalidade *irrealis*, favorecendo a ocorrência do subjuntivo. Como este último submodo é a categoria não-marcada em relação ao submodo deontico, ele favorece a alternância entre os modos, o que foi verificado acima. No que se refere ao verbo *querer*, no nosso questionário, ele foi usado como verbo de manipulação da projeção da modalidade *irrealis*, o que faz com que haja preferência para o uso do subjuntivo.

¹⁰ O verbo *pensar* não é mencionado nesse estudo, impossibilitando qualquer comparação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar a ocorrência de alternância entre os modos indicativo e subjuntivo em orações subordinadas substantivas que tinham os verbos *pensar* e *querer* na oração principal. A escolha desses dois verbos foi motivada pelo fato de eles serem apontados como verbos que, prototipicamente, selecionariam o modo subjuntivo.

As perguntas que o trabalho buscou responder foram as seguintes:

- 1) Existe variação linguística no contexto linguístico investigado?
- 2) Se existe, como se distribuem os modos verbais em cada caso?

Para respondê-las, buscamos apoio em gramáticas do português, as quais, apesar de terem uma visão mais reflexiva sobre a língua e trazerem muitas informações sobre modo verbal e contextos de uso do modo indicativo e do modo subjuntivo, se mostraram deficientes por não apresentarem uma previsão adequada para uma possível variação entre esses modos. Não houve, nas gramáticas estudadas, referência sobre comportamentos individuais de cada verbo (ou de grupos de verbos). O que foi encontrado foi o relato de casos esporádicos de variação.

Diante dessa dificuldade com as gramáticas do português, buscamos apoio em trabalhos de cunho linguístico para entendermos as raízes da variação entre modos verbais. Com Gonçalves (2003), pudemos entender o porquê de as gramáticas estudadas não apresentarem estudos exaustivos do comportamento de cada verbo (ou de grupos de verbos). Podemos dizer que com essa postura, as gramáticas acabaram retratando o comportamento do exemplar mais típico, deixando de lado o que se pode ouvir e ler no Português Brasileiro cotidiano. Essa postura vem ao encontro de Gonçalves (2003) ao afirmar que a variação tende a ser maior fora do núcleo prototípico, que é o núcleo dos melhores exemplos de uma categoria. Com o estudo de Vieira (2007) foi possível compreender que os dois verbos aqui estudados projetam a modalidade *irrealis*, por isso a tendência ao uso do subjuntivo. Finalmente, o trabalho de Oliveira (2006) permitiu caracterizar o verbo *querer* como volitivo e, por essa razão, favorecedor do modo subjuntivo.

Conforme a análise dos resultados dos questionários respondidos pelos alunos de Ensino Médio, verificamos que existe de fato variação linguística em relação à escolha do

modo verbal das orações subordinadas aos verbos *pensar* e *querer*. Em relação à distribuição dos modos verbais em cada caso, verificamos que, enquanto o verbo *pensar* favorece o uso do modo indicativo (86,76% de indicativo contra 12,44% de subjuntivo), o verbo *querer* favorece o uso do modo subjuntivo (92,52% de subjuntivo contra 4,53% de indicativo). Os nossos resultados sugerem que apenas a indicação da atitude psíquica do emissor frente ao seu discurso (se ele está diante de algo certo ou se está diante de algo duvidoso) não basta para determinar a escolha do modo verbal. Ela é fruto de um complexo conjunto de fatores condicionantes entre os quais se incluem: a) categoria prototípica, b) qualidade volitiva do verbo, c) modalidade *irrealis* e d) submodos epistêmico e deôntico.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2011.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 35. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- GONÇALVES, Jussara Regina. **Considerações sobre a flutuação no emprego do subjuntivo em contextos orais do português do Brasil**. 2003. 100f. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0115426_03_cap_04. Acesso em: 15 set. 2013.
- KEHDI, Valter. **Morfemas do português**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. **Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação**. Belo Horizonte: Vigília, 1986.
- LYONS, John. **Lingua(gem) e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza, (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.
- OLIVEIRA, Maria do Carmo. O uso do modo verbal em estruturas de complementação no português do Brasil. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 503-538, jun./dez. 2006.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 38 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- SAID ALI, Manuel. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1971.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- VIEIRA, Marta Mara Munguba. **Alternância no uso dos modos indicativo e subjuntivo em orações subordinadas substantivas: uma comparação entre o português do Brasil e o francês do Canadá**. 2007. 106f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007. Disponível em: <ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/MartaMMV.pdf>. Acesso em: 29 set. 2013.